

**Apontamentos do Anúncio de Escola de Comunidade
com Davide Prospero e S.E. monsenhor Filippo Santoro
por vídeo conferência de Milão, 25 de janeiro de 2023**

Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de Outro, Paulus, Lisboa 2022, pp. 97-118.

Davide Prospero

Boa noite, retomamos – aliás, devia dizer continuamos – o trabalho de Escola de Comunidade. Digo que continuamos porque o trabalho que fizemos nos últimos meses não foi uma suspensão ou um parêntese. Como vamos ouvir agora na introdução que fará monsenhor Santoro, o retomar do trabalho sobre o livro de *don Giussani, Dar a vida pela obra de Outro*, tem a ver com as coisas que andamos a dizer e, sobretudo, com o conteúdo da grande proposta que o Papa nos fez com o discurso de 15 de outubro na Praça de São Pedro (sobre o qual trabalhámos nestes três meses, individualmente e nas nossas comunidades). Daqui até aos Exercícios da Fraternidade, vamos pegar na segunda parte do livro, que se refere aos Exercícios de 1998. Com este trabalho, ficará concluída a Escola de Comunidade sobre o *Dar a vida pela obra de Outro*. Depois dos Exercícios da Fraternidade, retomaremos desde o início o PerCurso, trabalhando sobre *O sentido religioso*.

Passo-te a palavra, D. Filippo.

Filippo Santoro

Obrigado, olá a todos! Não digo boa noite, porque noutros sítios ainda é dia, ou então já noite avançada. De qualquer forma, estamos aqui juntos para retomar as duas lições dos Exercícios da Fraternidade de 1998 sobre «O milagre da mudança». É precisamente o que o Papa nos indicou e nos sugeriu no passado dia 15 de outubro. A intensidade e a beleza destas duas lições residem no facto de descreverem os elementos essenciais que caracterizam e distinguem o nosso carisma de outras expressões e de outras formas; indicam precisamente a razão da nossa vida e da nossa esperança.

Cantámos: «Quando virmos tudo» (*Errore di prospettiva*, C. Chieffo), precisamente porque a fé é um ver e um conhecer. A fé é uma forma de conhecimento. Na lição que apresentamos esta noite verão apresentada esta perspectiva. O fado que ouvimos, típico de Portugal, um fado lindíssimo – «porque sem Ti não sei viver» (*Por tudo meu Jesus*), recorda-nos que aqui está em jogo a nossa vida, não uma vaga e genérica religiosidade. Interessa-nos a vida, interessa-nos a experiência da vida. E o Papa em Roma falou – além do desenvolvimento de toda a nossa potencialidade («a potencialidade do vosso carisma ainda deve ser em grande parte descoberta [...]. Há tantos homens e mulheres que ainda não tiveram aquele encontro com o Senhor que mudou e tornou bela a vossa vida!», dizia-nos) – de *don Giussani* educador: «Tinha uma capacidade única de desencadear [de desencadear!] a busca sincera do sentido da vida no coração dos jovens [a busca sincera do sentido da vida no coração dos jovens!], de despertar o seu desejo de verdade. Como verdadeiro apóstolo, quando via brotar esta sede nos jovens, não tinha medo de lhes apresentar a fé cristã» (Francisco, «Arda no vosso coração esta santa inquietação profética e missionária», supl. de *Passos*, n. 4/2022, p. 15). É precisamente a experiência de uma humanidade nova, tocada pelo encontro com o Senhor, com a Sua presença, com a Sua proximidade.

Na lição com o título «Deus e a existência» (pp. 97-118 do texto *Dar a vida pela obra de Outro*), *don Giussani* fala-nos do «milagre da mudança». É um “milagre”, a mudança, porque não somos nós que a podemos programar, ainda que nos empenhemos. A mudança, pelo contrário, é sermos tomados por uma novidade de inteligência e de afeição (como a que se encontra nestas páginas), que nos surpreende, nos atrai e nos coloca num caminho no qual – pouco a pouco – nos descobrimos diferentes. Estamos diante da primazia da ontologia sobre a ética; a primazia de alguma coisa que acontece, de que nos damos conta e que nos toca, com todas as consequências que podem desenvolver-se.

Somos então convidados a tentar entrar na experiência que estas palavras de *don Giussani* indicam. Mas atenção! Diante de palavras que são expressão de um génio do humano, não podemos ter a

pretensão de perceber logo tudo: para compreender (como aconteceu na nossa vida) é preciso uma história, é preciso o tempo, na fidelidade e no pedido (cfr. L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 2016, pp. 541-542); percebe-se fazendo um percurso, num caminho. No primeiro início houve um impacto forte, mas depois há como que um ir ao coração da experiência que nos é proposta.

Com este realismo e com esta humilde simplicidade, começamos a trabalhar juntos.

1. Um problema de conhecimento

Don Gius coloca de novo como tema a expressão de São Paulo «Deus é tudo em tudo» (1Cor 15,28) dos Exercícios do ano anterior (que retomámos no ano passado), colocando a questão fundamental: como é que esta afirmação – «Deus é tudo em tudo» – pode influenciar a vida? E explica: «“Deus é tudo em tudo” [...] não é uma formulação absurda, nem uma afirmação abstrata, é simplesmente uma coisa que se pode julgar e compreender - ou in-compreender - como um fator real da vida» (p. 97), ou seja, é uma expressão da razão empenhada diante da realidade da vida.

A nossa razão diz-nos coisas elementares e simples:

- Em primeiro lugar não existíamos, e estamos aqui.
- Os rostos mais queridos, as coisas mais belas da vida, encontrámo-los à nossa frente como dons inesperados, tal como para mim ter este encontro e ser delegado especial dos *Memores Domini* é um dom impensável e inesperado. As coisas maiores vieram ao nosso encontro!
- Não teríamos desejado as provações e as dores da vida.
- Toda a realidade, misteriosamente, atinge os nossos olhos, toca-nos, fere-nos, dialoga com o nosso coração. Há alguma coisa antes de nós (alguma coisa antes de nós!) que bate à porta da nossa vida. É o ponto de partida que sempre vimos e aprofundámos n’ *O sentido religioso*.

«Deus é tudo em tudo» é, portanto, aquilo a que nos conduz a razão, se estiver aberta à totalidade dos fatores da realidade, ou seja, a razão vivida de acordo com a sua verdadeira natureza. Mas, interroga-se Giussani, por que é que do conhecimento não emerge imediatamente a energia para uma mudança? Porque só o espanto diante da afirmação de que «Deus é tudo em tudo», só o espanto original diante do Ser pode ser a fonte de uma mudança ética. Este é um traço fundamental do nosso carisma: duma atração, duma força estética, surge uma ética nova. «Só se o Ser for atração pode ser capaz de obter do homem uma atenção até ao sacrifício» (p. 98).

Mas nós, que, no entanto, conhecemos o Senhor como atração, entendemos ainda como abstrata a expressão «Deus é tudo em tudo». Onde é que erramos? A resposta de Giussani tranquiliza, mas abre a uma luta.

O espanto original – diz *don Giussani* – tornou-se difícil no momento histórico em que vivemos. Por isso é fundamental tomar consciência da mentalidade de mentira em que estamos mergulhados: «Devemos tomar consciência [portanto] de uma mentalidade que, aparentemente exaltando um renascimento religioso, na realidade quer precisamente censurar que “Deus é tudo em tudo”, tornando-o abstrato» (p. 98). Ainda que haja um aparente renascimento espiritual, existencialmente Deus é abstrato, e negado.

Devemos, portanto, acima de tudo, dar-mo-nos conta do contexto em que vivemos, do humano de que somos filhos «e temos de passar através de todas as dificuldades, as tentações, os resultados amargos, mantendo a esperança que é vida da vida» (p. 99) para nós e para todos os nossos irmãos homens.

Esta é a situação, e aqui começa a luta a que nos chama *don Gius* e a que nos convidou o Papa: «Deus é tudo em tudo» é um problema de conhecimento, como diante de qualquer coisa pela qual nós ficamos tocados, maravilhados e cheios de espanto.

Para compreender isto passamos ao segundo ponto.

2. Experiência e razão

No segundo ponto, *don Giussani* aprofunda o tema da irreligiosidade como origem da negação de «Deus é tudo em tudo». Há uma irreligiosidade que começa, sem que ninguém se dê conta disso, numa separação de Deus como origem e sentido da vida (e por isso, pertinente às coisas que

acontecem) e Deus como facto de pensamento, como afirmação teórica. Até nas empresas sugerem dez minutos de “meditação” por dia (para produzir mais, naturalmente!), mas são minutos para passar diante de ninguém, de pura introspeção, em que Deus não entra (pp. 98-99). «Deus é tudo em tudo» é substituído pela formulação mais comum: «Deus existe».

«Deus é tudo em tudo» tem, pelo contrário, uma pretensão afetiva sobre nós, as nossas famílias, os nossos amigos, o nosso trabalho. A afirmação «Deus existe» não exige nada à minha experiência, porque é a formulação de Deus como facto de puro pensamento.

Assim, dá-se uma separação entre a minha experiência – ou seja, o impacto da minha consciência com a realidade – e o sentido da vida, que é Deus (cfr. 101). Uma separação entre a minha vida, o meu sofrimento, a minha alegria, aquilo que me acontece, o pensamento, o afeto e Deus. A realidade quotidiana segue um percurso em que já não há a referência a «Deus é tudo em tudo».

Neste ponto, Giussani faz outra passagem interessante: «A separação entre o sentido da vida e a experiência implica também uma separação entre a moralidade e a ação do homem: a moralidade, assim concebida, não tem a mesma raiz da ação» (p. 100). Uma vez, quando estava no Brasil, pouco antes da Páscoa, uma jornalista – totalmente expressão desta mentalidade – perguntou-me: «Padre, como é que se festeja a Páscoa? Com o ovo de chocolate?». «Com quê?! Com chocolate?!». É o que diríamos às crianças, mas dizer aos adultos uma coisa destas significa que Deus não tem nada a ver com os interesses da vida, com o gosto da vida; é mesmo outro mundo, outra coisa! A vida passa de um lado e a afirmação teórica «Deus existe» permanece – quando permanece – a um nível que não incide, efetivamente, nem sobre a realidade, nem sobre o conhecimento. A moralidade, aquilo pelo que nos movemos, não é determinada por um acontecimento que nos invade, nos toca e nos contagia. A vida é feita de encontros, de problemas, de decisões a assumir. Quantas vezes por dia temos de tomar posição, ainda por cima com aquela rapidez que não nos permite, certamente, recorrer a profundas reflexões filosóficas! Aquilo que conta, então, é a atitude de fundo do nosso eu. E aqui coloca-se uma alternativa radical; existem duas possibilidades.

A primeira possibilidade é a de que prevaleça o preconceito, ou seja, que partamos de ideias que julgamos nossas mas que, se formos ver bem, são aquelas que nos são impostas pela mentalidade comum: pela TV, pelos jornais, pelos meios de comunicação social (p. 100). Por isso somos movidos por preconceitos.

A outra possibilidade é a de afirmar a realidade, o tu, ouvir o outro, olhá-lo, tentar percebê-lo. Alguns exemplos:

– Diante do pobre que encontramos na rua, não nos safemos dando esmola, mas olhemo-lo de frente, movidos, comovidos pela sua necessidade.

– Diante de quem nos tratou injustamente, não façamos prevalecer a reação por “justo” ressentimento, mas a consideração de que se trata de uma pessoa como nós, fraca como nós, que também pode errar.

– A quem assumiu o risco de criar uma obra, não lhe atiremos à cara o mais pequeno erro (quem faz, erra!), não o condenemos segundo um conceito de pureza abstrato e violento, mas partamos de um gesto de simpatia, tentemos identificar-nos com ele, captar a complexidade dos fatores em jogo.

A moralidade que tem a mesma raiz da ação é a alternativa a um moralismo que esmaga o outro, que mortifica toda a criatividade. A coisa mais evidente é quando acontece uma desgraça, pensem numa das muitas, a guerra, no caso das derrocadas em Ischia: todos procuram logo as culpas, quem foi o culpado, e não olham para o drama humano que aconteceu. É como estar subjugados por uma mentalidade, por isso é preciso “atravessar” esta mentalidade. Precisamente numa época como a nossa, em que a sociedade tem tanta necessidade do ímpeto de partilha, do risco criativo dos cristãos! «O moralismo – disse além disso Giussani – consome, e o moralismo é tudo aquilo que se faz por alguma coisa que não existe, que não se manifesta como expressão de um amor, de uma adesão, de um juízo e de um amor que fará aderir, que move a nossa pessoa» (*Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, Bur, Milano 2007, p. 449).

A substância – e a síntese – da questão que estamos a tratar é a frase de Jean Guitton que *don* Giussani retoma na página 101 e que tantas vezes repetimos entre nós: «razoável» é submeter a razão à experiência. Há uma exigência de submeter a razão à experiência, àquilo de que a nossa vida

realmente é feita e não às ideias de que estamos imbuídos e de que somos constituídos. Volto a propô-la na sua íntegra, porque nos ajuda a perceber melhor o juízo que *don* Gius dá: «“Razoável” – diz Jean Guitton – designa aquele que submete a sua razão à experiência e, em especial, quem, na ordem da conduta e da moral, não procura tanto construir um sistema para se justificar, mas sim encontrar a medida da verdade, proporcionada à condição humana» (*Arte nuova di pensare*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2009, p. 71).

Para defender Deus na sua verdade e para defender o homem, Giussani pede-nos, portanto, para retomar e defender a palavra «razão», que considera a mais confusa no discurso moderno.

Quando esta é traduzida como «medida» da realidade, tem-se a razão como preconceito, ou seja, «uma qualquer coisa que estranhamente intervém na experiência para diminuir e não para reconhecer aquilo que está presente na nossa vida» (p. 102). A razão como medida elimina a atenção a todos os aspetos da realidade e diz-te que «além daquela medida, não se pode ir». Dou dois exemplos muito simples: quando fui para o Brasil, no que respeita à música, pensava que não havia nada maior do que Verdi, Rossini, Mozart e Beethoven. No entanto, deparo-me com a música popular brasileira, carregada do drama da existência. Para referir apenas um, Vinícius de Moraes, na canção «Samba da bênção», diz que a vida é feita, em igual medida, de tristeza e de alegria. Então, a música brasileira como que me abriu a outro mundo, como algumas das nossas canções, que expressam grandes interrogações sobre a vida. Mas se tu vais em frente com o teu esquema («maior do que aquilo que eu penso não há nada»), não te abres à realidade. Outro exemplo mais terra-a-terra: sabem que morreu o Pelé, que para o Brasil (e também para muita gente) é o máximo. Mas se virmos o Maradona, que consegue fazer aquele golo genial com a mão, a razão tem de se abrir! É um génio também na sua arte! Por isso Pelé continua a ser «o rei», ainda que a imprensa argentina diga: «É um dos melhores», deixando a coisa em aberto. Percebem? A razão fechada diz: «Não, não pode existir mais nada a não ser aquilo que eu programei». Em vez disso, a razão é abertura, porta escancarada sobre a realidade e, portanto, sobre aquilo que responde plenamente à expectativa do coração.

3. Três graves reduções

No terceiro ponto, *don* Giussani descreve três casos emblemáticos nos quais a razão como medida distorce a experiência, influenciando todos os comportamentos da vida. Ouçamos de forma séria, porque não estamos a falar do mundo, dos outros. Giussani diz: «Estou a descrever a génese do nosso comportamento no seu aspeto dramático e contraditório» (p. 103). Aqui somos realmente educados no nosso caminho, na nossa história, na nossa experiência.

Refletindo sobre estas três reduções, perceberemos melhor o que dissemos sobre o uso da razão, sobre o valor da experiência e sobre a redução da moral a moralismo.

a) *Em vez de um acontecimento, a ideologia.*

É a violenta prevalência dos preconceitos sobre o facto (p.104). O exemplo mais clássico relatado no Novo Testamento é a cura do cego de nascença: aos fariseus que perguntam: «Quem pecou?», ele responde: «É um facto: eu não via e agora vejo». O preconceito quer eliminar o facto, mas o cego está ali, grita e proclama uma verdade, um facto que aconteceu.

Clarifica bem isto o exemplo que Giussani dá: um grave acidente ferroviário não tem impacto em nós, interrogando-nos sobre o mistério da dor e do sofrimento, não nos coloca numa atitude de oração. No centro da atenção, fica logo a caça ao culpado desencadeada pelos *media* (p. 103) (como eu disse há pouco). Em suma, a razão não se abre ao facto em todos os seus elementos, é logo aprisionada numa gaiola, não é deixada livre para agir.

Perguntemo-nos: quando é que somos vítimas desta dinâmica? Estamos abertos a «viver intensamente o real»? Porque toda a questão é como é que eu vivo o real, como é que a minha pessoa está diante da realidade, como dissemos tantas vezes nestes anos: ajudamo-nos a vivê-la, a sofrê-la, a fazer-nos interrogar por aquilo que acontece? Deixamo-nos ferir por aquilo que acontece, pela realidade tal como acontece? Dou outro exemplo: no início de janeiro, no Brasil, houve o assalto de muitas pessoas ao palácio do Congresso. Tratou-se de uma reação descontrolada e, portanto, inaceitável diante do domínio dum pensamento único que toca a cultura, a educação, a vida, que se quer impor em todo o

lado. É um pensamento único que existe em qualquer parte do mundo, não apenas no Brasil. Diante dele, não ajuda em nada uma reação descontrolada, mas deve emergir um juízo que tenha em conta todos os fatores em jogo para fazer surgir uma resposta realmente mais humana. A proposta que – de acordo com a percepção cristã da realidade – se sintetiza no pluralismo cultural, que não fecha a realidade num esquema ideológico pré-determinado, mas se abre a um horizonte maior e plural no campo da cultura, da educação e da política. Este é o mesmo critério que se aplica à questão da paz. É desastroso o atalho de justificar tudo na corrida aos armamentos, enquanto o Papa insiste noutro fator, noutro elemento mais compreensivo, mais profundo: o diálogo e a busca séria duma negociação diplomática.

b) *Redução do sinal a aparência*

Diante da realidade, ficamos bloqueados no aspeto imediatamente perceptivo (p. 105). Esvazia-se a realidade. A realidade é sinal, sinal de outra coisa. A criança que dá flores à mãe é sinal de um amor. O valor da coisa é o de ser sinal de um horizonte maior, de uma realidade maior.

Para compreender esta redução, recordo-vos o relato da nossa amiga Hassina diante do Papa. Participa numas férias nossas e faz um passeio na montanha. No fim, todos dizem: «Foi lindíssimo!». Então o padre Giorgio pergunta: «Por que é que foi bonito?». Silêncio geral! E ele: «Nem que vocês se juntassem todos, conseguiriam fazer uma única pedrinha daquela montanha, nem sequer uma florzinha das que nascem da rocha... o único que pode fazer isso é Deus». Há Outro, do qual a realidade é afirmação, sinal. E a realidade-sinal não retira nada à beleza da coisa, mas exalta-a, revela a sua razão, o seu significado. O outro, a outra, a pessoa amada é sinal, abre-te ao horizonte da verdade da outra pessoa. E o horizonte da verdade da outra pessoa indica-te uma maneira de tratá-la que é moralidade e não moralismo. É atenção ao destino e à realidade. Por isso reduzir o sinal à aparência é precisamente um esvaziamento da realidade.

Pelo contrário, quando a razão encara a realidade como sinal, encontra a energia para passar da aparência à plenitude do sinal. Não é bloqueada pela aparência, mas capta uma plenitude ainda maior. Perguntemo-nos então: quanto é que o milagre da presença do outro (em especial, a do amado, do amigo) se torna para nós sinal da bondade do Mistério, sinal da bondade de Outro, de uma bondade ainda maior? A coisa extraordinária é que o uso real e leal da razão nos leva ao limiar do Mistério, e quando depois o Mistério vem ao nosso encontro e se manifesta a cada um de nós, há como que a experiência de um abraço ainda maior. Quanto é que a beleza nos remete para Ele? Quanto é que a beleza da nossa companhia nos leva a fazer memória de Quem a tornou possível? Sem dúvida, damos conta disso nos momentos mais dramáticos, por exemplo quando o Senhor chama a Si algumas pessoas queridas. A sua resposta é a de quem participa da imortalidade de Deus, da ressurreição de Cristo, da Sua vitória. Mas se tudo é reduzido à aparência, tudo está destinado à destruição. A vida plena é «quando virmos tudo», mas já desde agora o olhar se abre à realidade final.

c) *Redução do coração a sentimento*

O sentimento torna-se tudo, enquanto o coração indica a unidade de sentimento e razão (pp. 110-111). Uma grande redução acontece quando o sentimento se torna tudo, a emoção se torna tudo.

Dou um exemplo. É um testemunho de *don* Giussani, que encontram no *É possível viver assim?*: «Uma vez, tinha acabado de celebrar a missa das 11h numa igreja de Milão e, depois da missa, fui para a sacristia – era uma sacristia muito pequena, porque a igreja tinha sido bombardeada – e entrou uma mulher pálida, que eu nunca tinha visto antes, com uma criança ao colo, e disse-me: “Senhor Padre, o meu marido esta manhã saiu de casa”. Eu, apanhado de surpresa, parei. “O quê? E por que é que se foi embora?”. “Foi-se embora porque se apaixonou pela secretária”. “Mas vocês discutiram?” “Não, não, não, pelo contrário, foi-se embora a chorar e dizia: ‘Custa-me tanto fazer-te sofrer, tenho tanta pena, mas tenho que o fazer, estou apaixonado!’ E pegava na filha e continuava a beijá-la – vejam até que ponto se pode chegar! – destroçado porque tinha de deixar a filha, mas tinha de o fazer porque estava apaixonado”. Este é emblema da emoção erigida em juízo. Percebem-me? Da emoção erigida em critério de ação, sem juízo. O que é que significa ajuizar? Tu estás apaixonado, apaixonaste-te pela secretária, como pode acontecer a muita gente [...]; isso corresponde ao desígnio que Deus traçou sobre a tua vida e por isso corresponde ao caminho da tua felicidade ou não?». Ao

caminho da felicidade no seu sentido pleno? «Casaste-te, tens uma filha, e por isso se abandonas a tua mulher e a tua filha estás a trair a tarefa que Deus te deu e deixas de estar no caminho da felicidade», diz *don Giussani* (*É possível viver assim?, Vol. I, Fé*, Tenacitas, Coimbra, 2007, pp. 55-56).

Percebem a importância de que a emoção e o sentimento sejam ajuizados? São ajuizados num contexto em que entra em jogo o desígnio maior em que a minha vida se encontra: o plano desejado por Deus. Está em causa a tua vida e a vida dos que estão à tua volta! A emoção que um encontro suscita deve ser ajuizada pela razão.

Perguntemo-nos então: o que é que pode tornar-me fiel à minha mulher, quando me sinto atraído por outra? O juízo sobre o que constrói a minha vida diante do desígnio de Outro, diante do projeto que o Senhor tem sobre a tua vida, e isto é uma plenitude, mesmo no sacrifício e no dom de si. O que é que me torna indómito e criativo diante do meu filho que, depois do COVID, está apático em relação a tudo e tende a deprimir-me a mim também? O que é que permite que um primeiro ímpeto de antipatia para com o outro não me bloqueie, mas me abra a um caminho de amizade? São tudo situações em que, se o coração estiver reduzido a sentimento, diminui a força o juízo e, logo, a possibilidade de um caminho. O juízo está num caminho (isto vale para a vocação para o sacerdócio, para os *Memores Domini*, para o matrimónio), dentro do desígnio admirável em que se encontra a nossa vida.

4. A corrupção da religiosidade

O quarto ponto é como que um retomar de todos os temas abordados até agora e aos quais me restringi de forma rigorosa.

Acima de tudo, o amor à razão, a confiança na razão, que ele define como a nossa «arma de ataque e de defesa» (p. 111). Pensem nos apóstolos que encontram o Senhor: a razão é exaltada, é elevada, reconhece, e no reconhecimento da razão entra também a afeição, entra a adesão. Por isso, o ponto forte é precisamente o amor à razão, que é o bem do intelecto, claro, mas desde que unida à afeição, a alguma coisa, a alguém que me prendeu, que me prende, a alguém que me conquista e me arrasta consigo profundamente. Pensemos, pelo contrário, no pouco crédito que damos ao que a nossa razão nos torna evidente: diante da responsabilidade a que a razão nos obriga, àquilo que a razão nos indica, preferimos a comodidade de absorver sem luta tudo quanto o poder nos propicia.

Giussani insiste ainda, mais uma vez, sobre a importância de compreender o contexto em que vivemos. Um contexto em que um genérico sentimento religioso, negando a realidade de «Deus tudo em tudo», progressiva, mas inexoravelmente leva à eliminação da religiosidade própria de Cristo e da Igreja (pp. 112). Afirma-se a religiosidade como um «acredito em alguma coisa superior», mas não aquela religiosidade que é indicada no percurso d' *O sentido religioso*, da razão que se abre à realidade, que encontra o Mistério, que está diante duma coisa, de Outro diferente de nós, com o desejo de que este Outro se revele. É quando se revela num encontro, todo o percurso da razão é iluminado e é exaltado. A razão é exaltada e é afirmada profundamente.

Deparei-me recentemente com uma passagem do famoso discurso em Harvard, no qual Soljenítsin acusava a crise do Ocidente, que me impressionou quer pela coincidência com o juízo de *don Giussani*, quer pelo especial significado que assume neste tempo: «Não examino aqui a eventualidade duma catástrofe bélica universal e as mudanças que ela comportaria para a sociedade humana. Mas enquanto continuamos a acordar todos os dias sob um sol tranquilo, é suposto vivermos a nossa vida de todos os dias. Há, no entanto, uma catástrofe já em curso: a catástrofe da consciência humanista religiosa» (8 de junho de 1978). É a redução do humano, da grandeza original do nosso ser.

Prosperi

O que é uma loucura – se posso permitir-me – é que nos encontramos precisamente na situação de uma «catástrofe bélica», mas estamos de tal forma adormecidos – agora – que já nem mesmo isto nos abana.

Santoro

Sim, as duas coisas estão juntas. Mas esta crise não é só do mundo, invade também a Igreja. Tanto que aqui Gius insere a poderosa citação da *Carta aos cristãos do Ocidente*, do grande teólogo checo, Josef Zvěřina. Esta chama-nos à necessidade de não nos conformarmos à mentalidade do mundo, não assumirmos o esquema do mundo. Provoca-nos, com uma ironia contundente: «assimilais-vos ao mundo, lenta ou velozmente, mas sempre com atraso». Põe-nos em guarda: «Não podemos imitar o mundo precisamente porque o devemos julgar, não com orgulho e superioridade, mas com amor» (pp. 113-114).

Esta incompreensão da necessidade duma mentalidade diferente da do mundo explica por que razão na Igreja está facilitada a incompreensão do problema da educação cristã, da missão, da conversão, da própria construção da Igreja. Estes problemas exigem uma mudança que deve acontecer em nós. Conclui Giussani: «Através da mudança que aconteceu noutros homens nos quais embate, o cristão é ajudado a perceber e avançar numa mudança de si próprio. O milagre é esta mudança de si próprio» (p. 114-115). É precisamente a mudança da nossa pessoa, com os passos que nos são indicados.

5. Tradição e carisma

Don Giussani aborda um quinto ponto, em plena sintonia com o que nos disse o Papa a 15 de outubro. O último parágrafo da lição começa com uma frase preciosa: «É preciso que a *fidelidade a Cristo e à Tradição* sejam sustentadas e confortadas por um âmbito eclesial verdadeiramente consciente desta necessária fidelidade». Ou seja, é preciso um contexto, um âmbito, uma experiência.

Nestas páginas, encontram muitas das coisas que dissemos nestes meses trabalhando sobre o discurso do Papa, que encontraram precisamente um culminar nas suas palavras:

- o valor do carisma como dom do Espírito (p. 115);
- o facto de que «não é carisma se não for reconhecido pela autoridade da Igreja, isto é, pelo Papa» (p. 115);
- a importância de responder, com toda a disponibilidade de coração, às indicações do movimento (p. 115);
- a coessencialidade do aspeto institucional e do carismático (p. 116-117);
- a importância de nos compararmos, no movimento, com «aqueles que são reconhecidos pela Igreja como garantes da verdade do dom do Espírito» (p. 117);
- o facto de que o Espírito de Cristo «agarra certas pessoas [...] para que toda a Igreja seja revigorada e renasça com consciência aos olhos de todos» (p. 118).

Retomo alguns excertos relativos a estes pontos.

– «Daqui a imponência moral da participação num movimento eclesial como *pertença* a um âmbito em que o dom do Espírito que vem do Batismo se concretiza em formas demonstrativas e persuasivas. Este dom do Espírito chama-se *carisma*. Mas não é carisma se não for reconhecido pela autoridade da Igreja, isto é, pelo Papa» (p. 115).

– «Não há outra forma com que o Espírito possa chegar até nós mais simplesmente, mais persuasivamente, mais potentemente do que numa realidade presente» (p. 116). Uma realidade presente que está fora de nós, mas que passa a estar dentro de nós, uma presença que está em mim, graças à qual eu dou por mim a tratar os outros como aquele encontro as trataria, como o mistério do Senhor presente as trataria. É um ganho para mim, uma mudança, um milagre. Um milagre que pode acontecer, devido ao qual a realidade é tratada segundo aquele bem que vem ao nosso encontro. Os apóstolos que encontram o Senhor começam a viver de forma diferente, tratam-se de forma diferente.

– «Não há outra forma com que o Espírito possa chegar até nós mais simplesmente, mais persuasivamente, mais potentemente do que numa realidade presente, num contexto presente [...] Um carisma reconhecido pela Igreja é dom do Espírito de Cristo, que leva a viver a instituição de forma integral» (p. 116).

– «“Um movimento autêntico” disse João Paulo II “existe, por isso, como alma que nutre dentro da Instituição. Não é uma estrutura alternativa à Instituição. Pelo contrário, é nascente de uma presença que continuamente lhe regenera a autenticidade existencial e histórica”» (p. 116).

– Eis outra citação de João Paulo II (que o Papa Francisco retomou no seu discurso): «“Na Igreja, tanto o aspeto institucional, como o carismático [...] são coessenciais e concorrem para a vida, para a renovação, para a santificação, ainda que de forma diferente”. [...] Carisma e instituições são coessenciais na definição da vida cristã na Igreja, da vida eclesial. Por isso, um movimento é exemplar e demonstrativo, é persuasivo e útil nas próprias dioceses e paróquias para a vida pastoral. A modalidade de viver o dom do Espírito deve chegar de forma capilar à personalidade de cada indivíduo» (p. 116-117).

Aqui temos um eco constante daquilo que o Papa nos disse.

– «Vive-se verdadeiramente o carisma quanto mais se compara toda a nossa vida com o ideal do próprio carisma [toda a nossa vida! Ganhamos quando toda a nossa vida é comparada], tal como o afirmam aqueles que são reconhecidos pela Igreja como garantes da verdade do dom do Espírito; segui-los [aos garantes da verdade do dom do Espírito] é uma obediência última, que procura encarnar até aos últimos capilares a imitação de Cristo e a fidelidade à Igreja» (p. 117).

– «Aquilo que muda em nós, pela intervenção do movimento na nossa vida e pela coerência que ele pede, deve partir conscientemente, razoavelmente, ou seja, ter como primeiro lugar de acontecimento o conhecimento, porque tudo aquilo que o homem faz depende do modo como concebe. Por isso, é um modo de conhecimento que pode delimitar ou eliminar esta conceção que o mundo nos transmite, que maltrata Deus, que não O afirma como Deus quer ser afirmado, porque Deus afirma-se em Cristo. Nós não podemos conhecer o Mistério se Cristo não no-lo diz. E a Igreja – é uma comparação e não uma blasfémia – realiza Cristo com mais clareza, com persuasão e com sustento no desenvolvimento da vida, através dos movimentos» (p. 117-118). Giussani termina dizendo que «o Espírito de Cristo, que criou a Igreja e a enviou ao mundo, conforta-a, edifica-a e fortifica-a com os carismas: agarra certas pessoas, neste ou naquele carisma [não existe o monopólio do carisma ou dos carismas], para que toda a Igreja seja revigorada e renasça com consciência aos olhos de todos» (p. 118).

Se tivéssemos lido com atenção estas páginas há algum tempo, muita confusão no conhecimento, muitos comportamentos inadequados e muitas dificuldades nos teriam sido poupados.

Conclusão

Queria concluir voltando a percorrer rapidamente os cinco pontos da lição, sob a forma de perguntas. Perguntas que são uma ajuda para o trabalho dos vossos grupos de comunidade ou de fraternidade. Podem ajudar-nos a descobrir alguma marca da «potencialidade fecunda do carisma».

1. O primeiro ponto fala-nos dum aspeto central do nosso carisma: é o tema do conhecimento e da prevalência da estética sobre a ética, do fascínio, da beleza do encontro ao qual nós damos seguimento. O que significa isto nos nossos dias e na presença nos nossos ambientes de trabalho e de estudo?

2. No segundo ponto retomámos a frase de Jean Guitton: «razoável» é submeter a razão à experiência, ao facto. Perguntemo-nos: em que circunstâncias é que este método iluminou a nossa vida, salvando-a do preconceito e do moralismo? Descrevamos como é que fomos libertados do preconceito e dal moralismo.

3. Entre as várias reduções da razão descritas no terceiro ponto, queria concentrar-me no sentimentalismo, que hoje me parece especialmente invasivo. A ideia dominante é a de que convém seguir apenas aquilo que se “sente”, que envolve o sentimento. Este exílio da razão dominada pelo sentimento tem um impacto no nosso modo de viver: pensemos no que acontece na nossa relação com o trabalho, na afetividade e no modo de viver o movimento, quando o único critério é o sentimento. Atenção, o sentimentalismo é uma coisa e o coração é outra. Porque na nossa experiência o sobressalto do coração é indispensável, o sobressalto do coração diante do acontecimento é essencial, é como que o ponto que nos impele, precisamente como aconteceu com os apóstolos; depois podemos até ser frágeis, fracos, mas estamos juntos. Por isso se fazem dez minutos de Escola de

Comunidade preferindo-a a outra coisa e juntamente com outra coisa, precisamente porque (pelo menos comigo é assim) retomar textos como estes provoca aquele sobressalto que me relança a todo o meu trabalho.

4. No quarto ponto, Zvěřina, com a sua carta, desafia-nos à coragem do juízo. Nestes anos, confundimos muitas vezes a necessidade de evitar superioridade no juízo e o não parecer orgulhosos – coisa que nunca devemos ser – com a renúncia a qualquer juízo. Chegámos até a teorizar que o juízo é, enquanto tal, “divisivo” e por isso nos afasta do outro. Mas sem exercitar a razão diante das circunstâncias, a nossa inteligência empobrece e a nossa capacidade de encontro diminui. Falo do exercício do juízo, do confronto constante daquilo que o sentimento desperta em nós com o destino, com a verdade, com a nossa vida. Uma pergunta: como é que podemos tornar nosso o apelo de Zvěřina? Como é que podemos ajudar-nos – na grande companhia do movimento ou na nossa comunidade de ambiente – a responder juntos à solicitação de exercitar a razão diante das várias circunstâncias? É um grande dom, aquele que recebemos, e somos chamados a vivê-lo constantemente.

5. Relativamente ao quinto ponto, sobre o carisma, testemunhemo-nos como é que se está a desenvolver entre nós a potencialidade do carisma. Depois do encontro com o Santo Padre, onde quer que eu tenha ido – no movimento, mas também em muitos ambientes da Igreja e fora dela –, aquela nossa audiência como que marcou uma mudança de perspetiva do olhar sobre o movimento, quer dentro, quer fora. Foi como que uma graça e um espanto, não só pelo número de pessoas, mas pela cordialidade com que fomos acolhidos, tratados e convidados a percorrer um determinado caminho. Ajudem-nos na comparação da nossa vida com o acontecimento que nos conquista de dia para dia. Por isso, na próxima Escola de Comunidade de 15 de março, iremos partir de alguns dos vossos testemunhos ou perguntas, que podem enviar para o endereço: anunciosdc@comunioneliberazione.org
Obrigado a todos pela atenção e pelo caminho desta noite.

Prosperi

Obrigado a ti, D. Filippo. Como vimos, espera-nos um percurso muito fascinante, denso, mas certamente extremamente atual, sob todos os pontos de vista. O método que propomos nestes dois meses – aproveitando a sugestão que logo no início, com o primeiro anúncio, D. Filippo nos deu – é que o trabalho comum seja acompanhado por um trabalho pessoal, idealmente quotidiano. Bastam dez minutos, e que esses dez minutos sejam dedicados sobretudo à leitura, compreensão e aprofundamento do texto e, portanto, a deixar vir ao de cima as perguntas que surgem do confronto com o texto; é importante que o texto não seja meramente um “pretexto” para depois falar de outra coisa, de tal forma que o nosso encontro – que tem necessariamente os seus ritmos (as Escolas de Comunidade mais frequentes são semanais, ou quinzenais) – seja um momento de verdadeiro confronto com a proposta que é feita. Neste confronto, tenhamos presentes as perguntas que D. Filippo acabou de sugerir, que poderão ajudar-nos a guiar o trabalho que faremos. Podem enviar as perguntas que aparecerem para o endereço dado, de maneira que da próxima vez possamos começar precisamente com um diálogo que faça de síntese do trabalho dos próximos dois meses sobre a primeira lição dos Exercícios de 1998, da pág. 97 à pág. 118 do texto *Dar a vida pela obra de Outro*. O próximo anúncio – sobre a segunda lição dos Exercícios de 1998 – terá lugar na quarta-feira, 15 de março, às 21h., nas mesmas modalidades desta noite.

Santoro

Rezamos uma *Ave Maria*, recordando particularmente as pessoas atingidas pela guerra na Ucrânia e também os nossos irmãos mais necessitados em várias situações de conflito no mundo, como sempre faz o Papa, na consciência de que o anúncio de Cristo abre o nosso coração a viver cada aspeto da realidade e, portanto, a comunicar a graça que nos alcançou e nos conquistou.

Avé Maria.